

Domingo XXVII do Tempo Comum – Ano A – 04.10.2026



**“Quando vier o dono da vinha, que fará àqueles vinhateiros?». Eles responderam:
«Mandarà matar sem piedade esses malvados e arrendará a vinha a outros vinhateiros,
que lhe entreguem os frutos a seu tempo»”.**

Viver a Palavra

O amor oferecido e recebido reciprocamente é fonte de uma imensa alegria e de uma profunda felicidade que todos nós já tivemos a oportunidade de experimentar. A experiência de amar e ser amado realiza o homem e a mulher na sua vocação para o amor e para a felicidade. Contudo, no arco da nossa existência, sejamos nós mais velhos ou mais novos, já fizemos a experiência da dureza de um amor não correspondido, da ingratidão face aos nossos gestos de carinho e bondade ou da indiferença diante do nosso esforço quotidiano de amar e servir aqueles que se cruzam connosco.

A Liturgia da Palavra deste Domingo, sobretudo a primeira leitura e o evangelho, são trechos de teologia da história, isto é, de uma releitura da história da salvação à luz da fé. Narram-nos um amor desmedido que tantas vezes não é correspondido. No cântico de amor à sua vinha que nos conta Isaías ou na parábola dos vinhateiros narrada por Jesus, contemplamos o amor que se faz cuidado, desvelo e atenção e uma resposta estéril, marcada pela ingratidão e falta de acolhimento.

A imagem da vinha remete-nos para o terreno exigente e difícil onde o agricultor investe o seu trabalho, cuidado e suor. Deus ama-nos e cuida de nós como um proprietário cuida da sua vinha: lavra o terreno, limpa as pedras, planta cepas escolhidas, ergue uma torre e escava um lagar.

«*A vinha do Senhor é a casa de Israel*». Nós somos a vinha amada e cuidada pelo Senhor. Somos obra das Suas mãos. Somos terreno fértil, lavrado pelas Suas mãos de oleiro. Somos terreno saxoso que Deus quer limpar para que o nosso coração empedernido possa frutificar. Somos cepas escolhidas e ungidas pelo Seu amor. Somos chamados a ser sentinelas vigilantes que no lagar da vida se purificam e oferecem para que o vinho da alegria possa inebriar o coração de cada homem e de cada mulher.

Contudo, quantas vezes produzimos agraços e não somos merecedores de todo este desvelo e cuidado. Quantas vezes não acolhemos os sinais enviados pelo Pai, nem tampouco o sinal maior do Seu amor revelado em Jesus Cristo. Como nos recorda a carta aos Hebreus «*muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais*» (Heb 1,1). Falou e continua a falar-nos. Criou-nos e por amor continua a acompanhar-nos e a recriar-nos com a força transformadora do Seu amor.

Deus não se cansa de nos amar e perdoar, mesmo que tantas vezes este amor não seja correspondido. Na nossa lógica humana retributiva e necessitada de reciprocidade, já teríamos desistido de amar quem parece não corresponder a tanto amor dispensado.

A nossa resposta será sempre insuficiente diante do imenso amor que Deus tem por cada um de nós. Todavia, as nossas fragilidades e limites não podem ser uma desculpa para a nossa inoperatividade e esterilidade. Pequenos e pecadores, amados por Deus, somos chamados a abrir o nosso coração à força transformadora da conversão que nos estimula a percorrer com alegria e entusiasmo a estrada da santidade e nos convida a ler a nossa história como uma história de salvação.

Como vinha amada e acarinhada por Deus, somos chamados a fazer das nossas vidas lugares que frutificam para que no mundo ecoe a mais bela melodia do amor e mesmo nos momentos de dificuldade e

Em termos religiosos, o culto floresce numa abundância inaudita de práticas de piedade e de abundantes e solenes manifestações religiosas; no entanto, todo esse fausto cultural é incoerente e mentiroso, pois não resulta de uma verdadeira adesão a Jahwéh, mas de uma tentativa de acalmar as consciências e de "comprar" Deus.

Para o profeta, Jerusalém deixou de ser a esposa fiel, para converter-se numa prostituta (cf. Is 1,21-26); ou, dito de outra forma, a "vinha" cuidada por Deus só produz frutos amargos e não os frutos bons (de justiça e de amor) pedidos a quem vive envolvido no ambiente da Aliança.

A mensagem de Isaías neste período encontra-se nos capítulos 1-5 do seu livro. O texto que hoje nos é proposto é um dos textos mais emblemáticos deste período.

O "cântico da vinha" poderia ser, inicialmente, um "cântico de vindima" ou um "cântico de trabalho", que um poeta popular entoava diante do seu círculo de amigos ou de companheiros de trabalho. Mas, como acontece tantas vezes com as formas de expressão da cultura popular, rapidamente as palavras adquirem um duplo sentido e passam a evocar outra realidade.

Na cultura judaica, a "vinha" é um símbolo do amor (cf. Cant 1,6.14; 2,15; 8,12). O "cântico da vinha" passa então a ser, na boca do poeta popular, uma "cantiga de amor", que descreve os esforços do jovem apaixonado para conquistar a sua amada.

Isaías vai utilizar esta "cantiga de amor" como recurso para transmitir a mensagem que Deus lhe confiou. *in Dehonianos.*

ATUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes pontos:

- A "parábola da vinha" é uma história de amor. Fala-nos do amor de um Deus que liberta o seu Povo da escravidão, que o conduz para a liberdade, que estabelece com ele laços de família, que lhe oferece indicações seguras para caminhar em direção à justiça, à harmonia, à felicidade, que o protege nos caminhos da história... É preciso termos consciência de que esta história de amor não terminou e que o mesmo Deus continua a derramar sobre nós, todos os dias, o seu amor, a sua bondade, a sua misericórdia. Tenho consciência desse facto? Tenho o coração aberto aos seus dons? Encontro tempo e disponibilidade para Lhe agradecer e para O louvar?

- O encontro com o amor de Deus tem de significar uma efetiva transformação do nosso coração e tem de nos levar ao amor ao irmão. Quem trata os irmãos com arrogância, quem assume atitudes duras, agressivas e intolerantes, quem pratica a injustiça e espezinha os direitos dos mais débeis, quem é insensível aos dramas dos irmãos, certamente ainda não fez a experiência do amor de Deus. Às vezes encontramos nas nossas comunidades cristãs ou religiosas pessoas muito válidas do ponto de vista da organização e da animação, que se consideram a si próprias colunas da comunidade, que têm uma fé inabalável, mas que são insensíveis, amargas, agressivas, intolerantes... Será possível ser sinal de Deus e testemunhar o Deus que ama os homens, sem nos deixarmos conduzir pela tolerância, pela misericórdia, pela bondade, pela compreensão?

- O nosso texto identifica os "frutos bons" que Deus espera da sua "vinha" com o direito e a justiça e afirma que Deus não tolera uma "vinha" que produza "sangue derramado" e "gritos de horror". Nos nossos dias, o "sangue derramado" das vítimas da violência, do terrorismo, das guerras religiosas, dos sistemas que geram morte e sofrimento continua a tingir a nossa história; os "gritos de horror" de tantos homens e mulheres privados dos direitos mais elementares, torturados, marginalizados, excluídos, impedidos de ter acesso a uma vida minimamente humana, continuam a escutar-se na Europa, na Ásia, na África, nas Américas... Qual o nosso papel, no meio de tudo isto? Podemos calar-nos, num silêncio cúmplice e alienado, diante do drama de tantos irmãos condenados à morte? O que podemos fazer para que a "vinha" de Deus produza outros frutos? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 79 (80)

Refrão: A vinha do Senhor é a casa de Israel.

**Arrancastes uma videira do Egipto,
expulsastes as nações para a transplantar.
Estendia até ao mar as suas vergôntes
e até ao rio os seus rebentos.
Porque Lhe destruístes a vedação,
de modo que a vindime quem quer que passe pelo caminho?
Devastou-a o javali da selva
e serviu de pasto aos animais do campo.
Deus dos Exércitos, vinde de novo,
olhai dos céus e vede, visitai esta vinha.
Protegei a cepa que a vossa mão direita plantou,
o rebento que fortalecesteis para Vós.
Não mais nos apartaremos de Vós:
fazei-nos viver e invocaremos o vosso nome.**

**Senhor, Deus dos Exércitos, fazei-nos voltar,
iluminai o vosso rosto e seremos salvos.**

LEITURA II – Filipenses 4,6-9

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

Irmãos:

Não vos inquieteis com coisa alguma.

**Mas, em todas as circunstâncias,
apresentai os vossos pedidos diante de Deus,
com orações, súplicas e ações de graças.**

**E a paz de Deus, que está acima de toda a inteligência,
guardará os vossos corações
e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.**

**Quanto ao resto, irmãos,
tudo o que é verdadeiro e nobre,
tudo o que é justo e puro,
tudo o que é amável e de boa reputação,
tudo o que é virtude e digno de louvor
é o que deveis ter no pensamento.**

**O que aprendestes, recebestes, ouvistes e vistes em mim
é o que deveis praticar.**

E o Deus da paz estará convosco.

CONTEXTO

Continuamos a ler a carta enviada pelo apóstolo Paulo aos cristãos da cidade grega de Filipos. Quando escreve aos seus amigos filipenses, Paulo está na prisão (em Éfeso?), sem saber o que o futuro imediato lhe reserva. Entretanto, recebeu ajuda dos filipenses (uma soma em dinheiro e a visita de Epafrodito, um membro da comunidade, encarregado pelos filipenses de cuidar de Paulo e de prover às suas necessidades) e está sensibilizado pela bondade e pela preocupação que os filipenses manifestam para com a sua pessoa.

~ A Carta aos Filipenses é, sobretudo, uma carta dirigida a amigos muito queridos, na qual Paulo manifesta o seu apreço por essa comunidade que o ama, que o ajuda e que se preocupa com ele. Enviando de volta Epafrodito - que estivera gravemente doente - Paulo agradece, dá notícias, informa a comunidade sobre a sua própria sorte e exorta os filipenses à fidelidade ao Evangelho.

O texto que hoje nos é proposto pertence à parte final da carta. Apresenta um conjunto de recomendações, destinadas a recordar aos filipenses algumas obrigações que resultam do seu compromisso com Cristo e com o Evangelho. *in Dehonianos*.

ATUALIZAÇÃO

A reflexão poderá ter em conta as seguintes questões:

- As palavras de Paulo aos filipenses definem alguns dos elementos concretos que devem marcar a caminhada do Povo de Deus. Em primeiro lugar, Paulo convida os crentes a não viverem inquietos e preocupados. Os cristãos estão "enxertados" em Cristo e têm a garantia de com Ele ressuscitar para a vida definitiva. Eles sabem que as dificuldades, os dramas, as perseguições, as incompreensões são apenas acidentes de percurso, que não conseguirão arredá-los da vida verdadeira. Os cristãos não são pessoas fracassadas, alienadas, falhadas, mas pessoas com um objetivo final bem definido e bem sugestivo. O caminho de Cristo é um caminho de dom e de entrega da vida; mas não é um caminho de tristeza e de frustração. Porquê, então, a tristeza, a inquietação, o desânimo com que, tantas vezes, enfrentamos as vicissitudes e as dificuldades da nossa caminhada? Porque é que, tantas vezes, saímos das nossas celebrações eucarísticas cabisbaixos, intranquilos, de semblantes tristonhos e ar irritado? Os irmãos que nos rodeiam e que nos olham nos olhos recebem de nós um testemunho de paz, de serenidade, de tranquilidade?

- Em segundo lugar, Paulo convida os crentes a terem em conta, na sua vida, esses valores humanos que todos os homens apreciam e amam: a verdade, a justiça, a honradez, a amabilidade, a tolerância, a integridade... Um cristão tem de ser, antes de mais, uma pessoa íntegra, verdadeira, leal, honesta, responsável, coerente. Ouvimos, algumas vezes, dizer que "os que vão à igreja são piores do que os outros". Em parte, a expressão serve, sobretudo, a muitos dos chamados "cristãos não praticantes" para justificar o facto de não irem à igreja; mas não traduzirá, algumas vezes, o mau testemunho que alguns cristãos dão quanto à vivência dos valores humanos? Quem contacta as receções das nossas igrejas, encontra sempre simpatia, compreensão, amabilidade, verdade, coerência?

• A forma como Paulo propõe aos seus cristãos os mesmos valores que constavam das listas de valores dos moralistas gregos da sua época, deve convidar-nos a refletir sobre a nossa relação com os valores do mundo que nos rodeia e sobre a forma como os aceitamos e integramos na nossa vida. Não podemos esconder-nos atrás da nossa muralha fortificada e rejeitar, em bloco, tudo aquilo que o mundo de hoje nos proporciona, como se fosse algo de mau e pecaminoso. O mundo em que vivemos tem valores muito bonitos e sugestivos, que nos ajudam a crescer de uma forma sã e equilibrada e a integrar uma realidade rica em desafios e esperanças. O que é necessário é saber discernir, de entre todos os valores que o mundo nos apresenta, aquilo que nos torna mais livres e mais felizes e aquilo que nos torna mais escravos e infelizes, aquilo que não belisca a nossa fé e aquilo que ameaça a essência do Evangelho... *in Dehonianos*.

EVANGELHO – Mateus 21,33-43

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo,

disse Jesus aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo:

«Ouvi outra parábola:

**Havia um proprietário que plantou uma vinha,
cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar
e levantou uma torre;**

depois, arrendou-a a uns vinhateiros e partiu para longe.

**Quando chegou a época das colheitas,
mandou os seus servos aos vinhateiros para receber os frutos.**

**Os vinhateiros, porém, lançando mão dos servos,
espancaram um, mataram outro, e a outro apedrejaram-no.**

**Tornou ele a mandar outros servos,
em maior número que
os primeiros.**

E eles trataram-nos do mesmo modo.

Por fim, mandou-lhes o seu próprio filho, dizendo:

'Respeitarão o meu filho'.

Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si:

**'Este é o herdeiro;
matemo-lo e ficaremos com a sua herança'.**

E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e mataram-no.

Quando vier o dono da vinha, que fará àqueles vinhateiros?».

Eles responderam:

**«Mandarà matar sem piedade esses malvados
e arrendará a vinha a outros vinhateiros,
que lhe entreguem os frutos a seu tempo».**

Disse-lhes Jesus: «Nunca lestes na Escritura:

**'A pedra que os construtores rejeitaram
tornou-se a pedra angular;**

tudo isto veio do Senhor e é admirável aos nossos olhos'?

Por isso vos digo:

Ser-vos-á tirado o reino de Deus

e dado a um povo que produza os seus frutos».

CONTEXTO

Estamos em Jerusalém, pouco tempo após a entrada triunfal de Jesus na cidade (cf. Mt 21,1-11). De hora para hora, cresce a tensão entre Jesus e os seus adversários. Os líderes judaicos pressionam Jesus, num esquema que apresenta foros de processo organizado. Adivinha-se, no horizonte próximo de Jesus, a prisão, o julgamento, a condenação à morte. Jesus está plenamente consciente do destino que lhe está reservado, mas enfrenta os dirigentes e condena implacavelmente a sua recusa em acolher o Reino.

O texto que nos é proposto faz parte de um bloco de três parábolas (cf. Mt 21,28-32. 33-43; 22,1-14), destinadas a ilustrar a recusa de Israel em aceitar o projeto de salvação que Deus oferece aos homens através de Jesus. Com elas, Jesus convida os seus opositores - os líderes religiosos judaicos - a reconhecerem que se fecharam num esquema de autossuficiência, de orgulho, de arrogância, de preconceitos, que não os deixa abrir o coração e a vida aos desafios de Deus. O nosso texto é a segunda dessas três parábolas.

A história que nos vai ser narrada compreende-se melhor à luz da situação socioeconómica da Galileia do tempo de Jesus... A terra estava, quase sempre, nas mãos de grandes latifundiários que viviam nas cidades. Esses latifundiários utilizavam vários sistemas para a exploração das suas terras; mas uma das formas preferidas

de exploração da terra (precisamente porque, para o latifundiário não implicava muito trabalho) consistia em arrendar as várias parcelas do latifúndio, em troca de uma parte substancial dos produtos recolhidos. Os que arrendavam as terras eram, geralmente, camponeses que tinham perdido as suas próprias terras devido à pressão fiscal ou às más colheitas. Estes camponeses viviam numa situação periclitante: depois de descontados os gastos com a exploração, os impostos pagos e a parte que pertencia ao latifundiário, mal ficavam com o indispensável para se sustentar a si e à sua família. Em anos agrícolas maus, este esquema significava a miséria absoluta... Este quadro provocava conflitos sociais frequentes e o aparecimento de movimentos camponeses que lutavam contra os latifundiários ou contra a carga excessiva de impostos.

É neste cenário que Jesus vai colocar a parábola que hoje nos apresenta. *in Dehonianos*.

ATUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes desenvolvimentos:

- O problema fundamental posto por este texto é o da coerência com que vivemos o nosso compromisso com Deus e com o Reino. Deus não obriga ninguém a aceitar a sua proposta de salvação e a envolver-se com o Reino; mas uma vez que aceitamos trabalhar na sua "vinha", temos de produzir frutos de amor, de serviço, de doação, de justiça, de paz, de tolerância, de partilha... O nosso Deus não está disposto a pactuar com situações dúbias, descaracterizadas, amorfas, incoerentes, mentirosas; mas exige coerência, verdade e compromisso. A parábola convida-nos, antes de mais, a não nos deixarmos cair em esquemas de comodismo, de instalação, de facilidade, de "deixa andar", mas a levarmos a sério o nosso compromisso com Deus e com o Reino e a darmos frutos consequentes. O meu compromisso com o Reino é sincero e empenhado? Quais são os frutos que eu produzo? Quando se trata de fazer opções, ganha o meu comodismo e instalação, ou a minha vontade de servir a construção do Reino?

- O que é que é decisivo para definir a pertença de alguém ao Reino? É ter uma "tradição familiar" cristã? É o ter entrado, por um ato formal (Batismo) na Igreja? É o ter feito votos de pobreza, castidade e obediência numa determinada congregação religiosa? É o cumprir determinados atos de piedade? É o participar nos ritos? Nada disso é decisivo. O que é decisivo é o "produzir frutos" de amor e de justiça, que pomos ao serviço de Deus e dos nossos irmãos. Como é que eu entendo e vivo a minha caminhada de fé?

- A parábola fala de trabalhadores da "vinha" de Deus que rejeitam o "filho" de forma absoluta e radical. É provável que nenhum de nós, por um ato de vontade consciente, se coloque numa atitude semelhante e rejeite Jesus. No entanto, prescindir dos valores de Jesus e deixar que sejam o egoísmo, o comodismo, o orgulho, a arrogância, o dinheiro, o poder, a fama, a condicionar as nossas opções é, na mesma, rejeitar Jesus, colocá-lo à margem da nossa existência. Como é que, no dia a dia, acolhemos e inserimos na nossa vida os valores de Jesus? As propostas de Jesus são, para nós, valores consistentes, que procuramos integrar na nossa existência e que servem de alicerce à construção da nossa vida, ou são valores dos quais nos descartamos com facilidade, sob pressão de interesses egoístas e comodistas?

- As nossas comunidades cristãs e religiosas são constituídas por homens e mulheres que se comprometeram com o Reino e que trabalham na "vinha" do Senhor. Deviam, portanto, produzir frutos bons e testemunhar diante do mundo, em gestos de amor, de acolhimento, de compreensão, de misericórdia, de partilha, de serviço, a realidade do Reino que Jesus Cristo veio propor. É isso que acontece, ou limitamo-nos a ter muitos grupos paroquiais, a preparar organigramas impressionantes da dinâmica comunitária, a construir espaços físicos amplos e confortáveis, a recitar a liturgia das horas, a produzir liturgias solenes, faustosas, imponentes... e completamente desligadas da vida? *in Dehonianos*.

PELOS SEUS FRUTOS OS CONHECEREIS

O soberbo cântico de Isaías 5,1-7 dá o tom e o aroma da vinha e do amor a este Domingo XXVII do Tempo Comum. O Senhor da vinha e do amor, que é Deus, tratou com infinito desvelo a sua vinha, que é o seu povo, o povo de Israel e de Judá, e somos nós, como se pode ver neste belo «cântico da vinha» de Isaías 5,7: plantou-a numa colina solarenga com castas selecionadas, cavou-a, limpou-a, amou-a, fê-la crescer ao ritmo de música de embalar. Todavia, a vinha assim amada e acariciada produziu agraços, em vez de uvas doces e saborosas. O Cântico di-lo numa extraordinária aliteração hebraica: «Deus esperava mishpath [= retidão],/ e eis mispah [= sangue derramado] ;/ tsedaqah [= justiça],/ e eis tse'aqah [= gritos de socorro]» (Isaías 5,7). Depois de uma lírica serena e tranquila, eis-nos agora perante o lamento de um camponês desiludido, de um amante traído, de um amor dorido, não correspondido.

O mesmo canto, ao mesmo tempo dorido e belo, atravessa o Salmo 80,9-17, que canta a videira, e conta a história da videira, que simboliza Israel. Contando a história desta videira, o poeta está, na verdade, a fazer uma autobiografia de Israel. Estava plantada no Egito, de onde Deus a arrancou para a transplantar para outra terra (v. 9). Aí lançou raízes, cresceu e atingiu tais dimensões que a sua folhagem verde cobria todo o mapa de Israel (v. 11 e 12). Mas também aí conheceu o abandono e foi devastada pelo javali, símbolo de impureza pela

sua semelhança com o porco. Se, em Isaías 5,1-7, era Deus que se queixava da sua vinha que já não respondia ao amor primeiro de Deus, agora é a vinha que se sente abandonada, e chora o estado de desolação em que se encontra, mas entrecorta o seu lamento com um belo refrão, pedindo a Deus que se levante e volte atrás, que lhe faça graça e a salve (v. 4.8.15.20).

O Evangelho deste Domingo XXVII é retirado de Mateus 21,33-43, e começa por descrever os gestos de amor embevecido de DEUS pela sua vinha, seguindo de perto o cântico da vinha, de Isaías 5,1-7. Mas depois continua de forma incisiva, introduzindo novas personagens: os VINHATEIROS violentos e assassinos são os chefes religiosos e civis (chefes dos sacerdotes e anciãos do povo, ou chefes dos sacerdotes e fariseus), dado que estas parábolas são dirigidas a eles (Mateus 21,23), e são eles que, no final, reagem (Mateus 21,45-46). Os SERVOS sucessivamente enviados por DEUS e maltratados pelos homens são os profetas, todos assassinados, segundo o módulo narrativo mais breve de toda a Escritura (Lucas 11,50-51; cf. Mateus 23,34-35). O FILHO, que é o último enviado, e que é igualmente morto pelos VINHATEIROS, salta à vista que é JESUS, prolepse do que está para acontecer.

Os VINHATEIROS são, neste ponto da parábola, apanhados na pergunta sem saída de JESUS: «Quando vier o dono da vinha, que fará com esses VINHATEIROS?» (Mateus 21,40). Eles respondem fácil e direto, ao jeito de David, quando ouve a história da ovelhinha do pobre, roubada e comida à mesa do rico (2 Samuel 12,5-6): «Mandaré matar sem piedade esses malvados, e arrendará a vinha a OUTROS VINHATEIROS, que lhe entreguem os frutos a seu tempo» (Mateus 21,41).

D. António Couto

PARA OS LEITORES

A **primeira leitura** abre com uma mensagem de amor e esperança, mas as expectativas são defraudadas. A proclamação desta leitura deve ter em conta esta variedade de sentimentos, com uma especial atenção para as frases interrogativas. Pronunciar as frases interrogativas evitando a tentação de acentuar apenas a palavra final e dando ênfase nas partículas interrogativas.

A **segunda leitura** é marcada por um forte tom exortativo, sublinhado pelos diferentes verbos no modo imperativo. Pede-se especial atenção ao parágrafo onde se repete a expressão «*tudo o que é*» para que toda a mensagem seja bem compreendida e se tire partido da força semântica da repetição.